

HISTÓRIA E ARTE: REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES BRASILEIRAS EM “CINEMA ASPIRINAS® E URUBUS”

Brenda Jaqueline da Silva (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Sandra de Cássia Araújo Pelegrini (Orientador), e-mail: sandrapelegriniuem@gmail.com
Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Biológicas Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

História – História do Brasil

Palavras-chave: História; Cinema; Análise Fílmica.

Resumo: O cinema é uma manifestação artística cujo projeto e resultado possui significativo valor para a pesquisa histórica, pois o potencial das fontes imagéticas vem sendo cada vez mais explorado pelos pesquisadores da área das Humanidades, em especial, entre aqueles que se dedicam a vencer barreiras instituídas por enfoques positivistas. Em concordância com as metodologias pautadas pela ampliação de seus referenciais e métodos, buscamos interpretar as especificidades da linguagem cinematográfica nas representações das identidades brasileiras expressas no filme “Cinema Aspirinas® e Urubus”. Produzido em 2005 e dirigido por Marcelo Gomes, se ocupou de um enredo ambientado no nordeste brasileiro, desenvolvido a partir da concepção de uma relação de estima e apreço entre dois personagens singulares: um nordestino e outro alemão, que percorrem o cenário árido vendendo aspirinas. A complexidade da obra reside na construção de diálogos densos, responsáveis por evidenciar, sob uma atmosfera fílmica elaborada, problemáticas sociais e históricas. Em síntese, a fim de obter resultados satisfatórios no que compete à análise fílmica, foram considerados autores como AUMONT (2013); MARTIN (2005); PELEGRINI (2005); e BARROS (2010), que ponderam sobre os aspectos específicos da linguagem imagética e as correlações que estabelecem com a História.

Introdução

A utilização de uma obra cinematográfica como fonte implica a análise de uma série de fatores específicos, responsáveis pela composição de uma obra audiovisual (BARROS, 2015, p. 178). No entanto, antes de se proceder ao exame de uma obra, se faz necessária manifestar a relevância da análise da produção cinematográfica nacional que privilegiou temáticas que fomentam a reflexão sobre o indivíduo, entendido como portador de uma identidade cultural.

O filme produzido em 2005, narra a história de Johan (Peter Ketnath) e Ranulfo (João Miguel). Johan é um alemão que viaja para o Brasil como representante da marca Aspirinas®, com intuito de fugir de suas obrigações militares durante a Segunda Guerra Mundial. A técnica utilizada para a venda dos medicamentos consiste na exibição de curtas-metragens para a população humilde do sertão, no

decorrer de sua trajetória, Johan oferece carona a Ranulfo, um nordestino cujo sonho é morar no Rio de Janeiro.

Por ser um *Read Movie*, a narrativa se desenvolve no transcorrer do percurso, à medida que os personagens dialogam entre si e expõem suas histórias de vida e visões de mundo, em uma viagem intimista, alheia ao tempo e espaço não fosse à presença de um importante elemento fílmico responsável por situar o espectador no contexto histórico retratado, o rádio. A constante intervenção sonora do objeto identifica o ano de 1942, como o contexto histórico da trama.

A partir deste enredo, esta pesquisa teve por objetivos debater a questão identitária, sobretudo, por meio dos diálogos entre os protagonistas; e ponderar a respeito abordagem metalinguística e demais recursos cinematográficos contidos no longa-metragem, que contribuíram para a composição de “uma narrativa através da câmera”¹.

Materiais e métodos

De acordo com PELEGRINI, a análise de uma fonte imagética, em particular um documento fílmico, demanda uma análise crítica da obra, que não corresponde à ideia de considerar o filme como uma verdade absoluta, um “reflexo” direto ou indireto da realidade. “Ela deve ser interpretada como mais uma forma de manifestação das percepções humanas, inserida no âmbito de práticas e representações culturais, políticas e ideológicas de seu tempo” (PELEGRINI, 2005, p. 125).

Neste sentido, a autora ainda destaca a necessidade de interpretação do filme como portador de uma mensagem “complexa e mista” que admite recursos técnicos específicos de sua linguagem; bem como as intencionalidades de seus idealizadores (PELEGRINI, 2005, p. 125-126). No que diz respeito aos recursos técnicos da linguagem cinematográfica, foram considerados também autores como AUMONT (2012, p. 40) e MARTIN (2005, p. 219) que propõem a análise fílmica enquanto a composição de planos; enquadramento; montagem; figurinos; iluminação; a trilha sonora; e diálogos.

Os planos correspondem à junção de fotogramas que propiciam à imagem a ideia de movimento e significados que variam segundo a sua utilização: Plano Detalhe, Plano Geral, Plano Conjunto, Primeiro Plano e Grande Plano. A montagem consiste na manipulação desses planos com o propósito de produzir sentido; a trilha sonora perpassa as cenas e adquirem significado de acordo com o momento de sua execução; os diálogos pressupõem a expressão de pensamentos dos personagens; enquanto o enquadramento implica a escolha de como as imagens serão captadas, diferentes enquadramentos proporcionam percepções distintas sobre uma mesma cena. Os demais recursos técnicos correspondem à caracterização do espaço e contexto representado pela obra.

Resultados e Discussão

¹ PELEGRINI, S. C. A. História e Imagem: ficção teatral e linguagem cinematográfica. PELEGRINI, S. C. A.; ZANIRATO, S. H. **Dimensões da Imagem**: Uma abordagem teórica e metodológica. Maringá: EDUEM, 2005.

Tendo em vista os aspectos observados, a análise fílmica de “Cinema Aspirinas® e urubus” (2005) deteve-se na interpretação dos diálogos, sons e imagens; responsáveis pela representação das identidades brasileiras contidas na narrativa fílmica.

Dessemelhante aos recursos imagéticos utilizados na maioria dos filmes do gênero *Road Movie*, essa obra cinematográfica emprega o uso de planos fechados em sua composição e não planos abertos, com o intuito de conceder uma atmosfera intimista para a trama. (GOMES, M., 2005)

Do mesmo modo, o enquadramento de reflexos dos protagonistas no retrovisor do veículo os insere na paisagem, tempo e espaço narrativo, enquanto a iluminação pautada na grande incidência de luz, denominada “luz estourada”, contribui para a caracterização do cenário, moldando a ambiência na qual a trama é representada e os diálogos são desenvolvidos.

De acordo com MARTIN (2005, p. 224), uma obra cinematográfica pode se constituir de diferentes tipos de diálogos que desempenham papel crucial na narrativa. Desde a invenção do cinema sonoro, estes diálogos são compostos em sua maioria pelo tempo verbal presente imperfeito e tem seu estilo guiado pelo tempo e espaço, ou seja, pelo contexto representado.

Em “Cinema, Aspirinas® e urubus” há o emprego do “diálogo realista” cujo objetivo seria expressar “naturalidade, simplicidade e clareza”. Para isso, são assinalados os sotaques e as expressões coloquiais e assim o discurso narrativo torna-se responsável por caracterizar os personagens e abordar temáticas relevantes para o estudo da história.

Johan é representado como uma figura pacifista e simboliza o olhar curioso do estrangeiro sobre o país. Em momentos distintos da trama o personagem expõe seu posicionamento contrário ao conflito político manifestos no enredo, como na cena em que após receber uma convocação de retorno ao seu país de origem afirma que não nasceu para ser soldado: “Eu não sei, mas eu sei, eu não concordo com essa guerra. Eu não nasci para matar gente.” (GOMES, M., 2005. Cena: 1 h. 14 min. 10 segs.)

Em contrapartida, Ranulpho representa por meio de seus discursos o sentimento de inferioridade em relação ao estrangeiro/imigrante, mas denota a falta ou inexistência de seu próprio sentido pertença, a exemplo, a cena em que descreve sua experiência fictícia pela capital, baseada em relatos de terceiros.

Ranulfo: “Começa pela cidade que eu nasci. Com o perdão da palavra, Bonança. Cinco casas uma Cruz no meio, uma viva alma, um sol de lascar. Um dia olhei pro lado, olhei pro outro e disse é hoje. Arribei. Penei. Penei, penei, mas cheguei lá na capital, quando a fome começou a bater eu voltei fiquei com medo de morrer de fome. Pensa que levar uma derrota nas costas é triste? Também lá é assim. Nordeste só serve de mangação. Juntava uns homi tudo e ficava falando: “Fala ai de novo rapa” “Mais um Paraíba” “É verdade que você bota a peixeira debaixo das calças que nem cangaceiro?” “Tu come calango?”. Ai abaixei a cabeça (...).” (GOMES, Marcelo. 2005. Cena: 46 min. 36 seg.)

No trecho destacado Ranulpho descreve sua cidade de modo pejorativo, como lugar pequeno seco e sem oportunidade de sobrevivência, expõe as dificuldades de chegar à capital e as situações de sofrimento e preconceito que vivenciou durante o período em que conviveu com os habitantes do Sudeste. Na frase final de seu discurso, descreve o ato de abaixar a cabeça como algo aparentemente natural.

Em síntese, as noções de reconhecimento e pertença, como exposto, é discutida no decorrer da trama por meio dos diálogos entre Johan e Ranulpho. Ainda que Ranulpho se inferiorize, Johan é por vezes complacente e o faz refletir sobre sua condição de pertencimento ao “povo” nordestino. Deste modo, a obra cinematográfica propõe também ao espectador um exercício de análise acerca das relações estabelecidas entre os indivíduos e o meio em que vivem.

Conclusões

Dado o exposto conclui-se que a análise fílmica de “Cinema Aspirinas e Urubus” obteve resultados satisfatórios no que compreende o estudo da História, uma vez que a obra aborda temáticas relevantes para o pesquisador dessa área do conhecimento. Aliás, uma abordagem delineada a partir de diálogos intimistas; das montagens e dos planos minuciosamente planejados e executados com intuito de caracterizar o sertão. A sonorização reforça a construção de significados e a harmoniza as interfaces entre os recursos sonoros e imagéticos. Todos esses fatores, somado ao uso da metalinguística perpassam as representações do contexto histórico da década de 1940 e das construções identitárias brasileiras no sertão nordestino.

Agradecimentos

Meus agradecimentos dirigem-se primeiramente a Deus; à minha orientadora Sandra de Cássia Araújo Pelegrini, por viabilizar o desenvolvimento satisfatório desta pesquisa. Agradeço ao programa de bolsas PIBIC/CNPq/FA/UEM por disponibilizar os recursos financeiros necessários durante o período de doze meses de desenvolvimento deste projeto.

Referências

- AUMONT, J. **A estética do filme**. Editora Papirus: Campinas, 2012.
- BARROS, J. Cinema e história: Considerações sobre os usos historiográficos das fontes. **Revista Comunicação e Sociedade**. São Paulo, v. 32, n. 55, 2010.
- GOMES, M. Cinema Aspirinas e Urubus. Recife: Rec. Produtores Associados Ltda; Dezenove Filmes, 2005. (DVD; 1 h. 39 min.)
- MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Dinalivro, 2005.
- PELEGRINI, S. C. A. História é Imagem: ficção teatral e linguagem cinematográfica. In: PELEGRINI, S. C. A.; ZANIRATO, S. H. **Dimensões da Imagem: Uma abordagem teórica e metodológica**. Maringá: EDUEM, 2005.